

CATAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS: UM ESTUDO SOBRE MULHERES CATADORAS

Ana Maria Paim Camardelo.¹

Alais Benedetti²

Kátia Cardoso Nostrane³

Resumo: Este artigo objetiva investigar as percepções das mulheres sobre sua inserção no trabalho da catação de resíduos sólidos nas associações de reciclagem de Caxias do Sul/RS. Para tanto, como metodologia, elaborou-se a análise de conteúdo de sete entrevistas semiestruturadas realizadas com catadoras. Constatou-se que as mulheres catadoras sofrem pela ausência de direitos trabalhistas e pela dupla jornada de trabalho. Em interface com a precarização do trabalho vivenciada, notou-se que elas são protagonistas das suas histórias e da construção de organizações políticas da profissão. Ainda, observou-se a emergência da maternidade como uma questão que se atravessa ao trabalho dessas mulheres catadoras.

Palavras-chave: Catação de resíduos sólidos; Mulheres catadoras; Relações de gênero.

Abstract: This article aims to investigate the perceptions of women about their insertion in the work of collecting solid waste in recycling associations in Caxias do Sul/RS. For that, as a methodology, the content analysis of seven semi-structured interviews carried out with waste pickers was elaborated. It was verified that women waste pickers suffer from the absence of labor rights and the double work shift. In interface with the precariousness of work experienced, it is noted that they are protagonists of their history and the construction of political organizations in the profession. Still, the emergence of maternity can be observed as an issue that crosses the work of waste pickers.

Keywords: Solid waste collection; Women pickers; Gender relations.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutora em Serviço Social/PUCRS. Professora na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: ampcomar@ucs.br.

2 Mestranda em Psicologia Social e Institucional UFRGS. E-mail: alaisbndtti@gmail.com.

3 Psicóloga residente do Programa de Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. E-mail: nostranek@gmail.com.

Introdução

O trabalho das catadoras e dos catadores de resíduos sólidos surgiu, no cenário mundial, na segunda metade do século XX, em um panorama de crescimento econômico acelerado, baixo índice de desemprego e aumento dos padrões de consumo, principalmente nos países desenvolvidos. Foi, também, nesse período que surgiram os primeiros indícios da utilização excedente dos recursos naturais, em que se constatou que o padrão de consumo gerado pelo capital é superior à disponibilidade de recursos do planeta Terra (DEMAJOROVIC; LIMA, 2014). Nesse sentido, observa-se que a questão ambiental é atravessada por questões políticas, econômicas e sociais, nas quais o acesso aos bens de consumo é fornecido de forma desigual entre os países e as classes sociais. Enquanto os países desenvolvidos são marcados majoritariamente – dada sua constituição histórica – pelo excesso econômico, que gera elevados padrões de consumo, os países em desenvolvimento são marcados pelo baixo produto interno bruto (PIB) e elevado crescimento demográfico (NASCIMENTO, 2012).

Assim, há um paradoxo caracterizado por um cenário de aumento dos padrões de consumo e geração de resíduos sólidos, por um lado, e de um baixo PIB e elevado crescimento demográfico, por outro. É nesse contexto que sujeitos passaram a encontrar, nos aterros sanitários, subsídios que pudessem, minimamente, garantir a sua própria sobrevivência. Dessa forma, o surgimento do trabalho da catação de materiais recicláveis pode ser compreendido como resultado da exclusão de sujeitos do mercado formal e da necessidade de sobrevivência. Isso os submete a um trabalho precário, marcado pela insalubridade e pela ausência de direitos trabalhistas (ARRUDA, 2015).

No Brasil, devido ao não reconhecimento e às condições precárias de trabalho das catadoras e dos catadores, surgiu o Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR) como uma organização de luta por direitos (SILVA, 2006). Esse movimento implica, principalmente, na luta pelos direitos trabalhistas, destacando-se no envolvimento das conquistas da categoria. Estas são encontradas na presença da catação na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), que, embora não assegure condições de trabalho dignas, é um importante marco de instauração de uma identidade e de reconhecimento da catação como um trabalho (SILVA, 2006); e na criação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), que incluiu, pela primeira vez, as catadoras e os catadores no Plano de Gestão Integrada dos Resíduos Sólidos, apresentando diretrizes de inclusão e, conseqüentemente, de melhores condições (GONÇALVES-DIAS *et al.*, 2010). Porém, apesar

dessas conquistas, identifica-se que o trabalho na catação continua marginalizado, precarizado, com baixa remuneração e falta de reconhecimento social, em razão das marcas históricas de sua constituição no País (BRAGA; LIMA; MACIEL, 2016).

No que tange ao perfil dos catadores e das catadoras, o trabalho da catação, segundo o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é desenvolvido, majoritariamente, por homens, correspondendo a 68,9%, enquanto as mulheres representam 31,1% (apud SILVA; GOES; ALVAREZ, 2013). No entanto, nota-se que há dificuldade no reconhecimento das mulheres que desenvolvem a catação no modelo familiar, em suas próprias residências. Ao se dedicarem também às tarefas domésticas, compreendidas como a atividade principal, elas são identificadas como “donas de casa”, considerando-se a catação apenas uma atividade complementar (SILVA; GOES; ALVAREZ, 2013). Já em pesquisas realizadas sobre a caracterização de associações de catadoras e catadores, percebe-se que estas são constituídas, em sua maioria, por mulheres (ARANTES; BORGES, 2013; CAMARDELO; STEDILE; OLIVEIRA, 2016; NASCIMENTO; CABRAL, 2019; PAIVA, 2016; UFRGS, 2009). Estima-se, ainda, que as catadoras compõem 70% do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR, 2014).

Segundo Silva e Menegat (2015), as mulheres catadoras das associações de reciclagem consideram que sua participação na produção social passou a ocorrer após integrarem o trabalho nas associações. Embora seja possível considerar que a inserção da mulher no trabalho da sociedade moderna é um meio de emancipação civilizatória, deve-se atentar que, ao desenvolverem os trabalhos domésticos, as mulheres sempre contribuíram para a manutenção e geração de riqueza (FEDERICI, 2017; SAFFIOTI, 2013). Cabe ressaltar que a entrada no mercado de trabalho também instaura a dupla jornada de trabalho, pois as mulheres não deixaram de ser consideradas as responsáveis pelas atividades domésticas, envolvendo os cuidados do lar e dos filhos (BRUSCHINI, 2006).

Assim, neste artigo, a questão de gênero é adotada como viés de análise em decorrência da constituição social e histórica dos gêneros, que envolvem as relações de poder traduzidas nas relações sociais (MOURA; SOPKO, 2018; SCOTT, 1995). Dessa forma, as relações de gênero impactam a dinâmica do trabalho da catação de resíduos sólidos, conforme apontado em pesquisas realizadas nesse âmbito (COELHO *et al.*, 2018c; NASCIMENTO; CABRAL, 2019; PAIVA, 2016; RIBEIRO; NARDI; MACHADO, 2012). Em um estudo desenvolvido por Camardelo, Benedetti e Nostrane (2020),

que apresenta um panorama das pesquisas realizadas na última década acerca das mulheres catadoras, constatou-se que as mulheres possuem vulnerabilidades que as distinguem dos homens ao realizar o trabalho da catação. Há, também, como resultado, a necessidade da abrangência de novas pesquisas que envolvam as mulheres catadoras como temática central, para ser possível ampliar a discussão das dinâmicas que envolvem a interface entre gênero e catação de resíduos sólidos.

A partir das concepções levantadas, objetiva-se investigar as percepções das mulheres sobre sua inserção no trabalho da catação de resíduos sólidos nas associações de reciclagem de Caxias do Sul/RS. Este estudo é parte das pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa do CNPq “Cultura Política, Políticas Públicas e Sociais”, no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas e Sociais (NEPPPS) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Há, como foco, a história dos catadores de resíduos sólidos da cidade de Caxias do Sul na construção da profissão, materializado no projeto de pesquisa “Catadores de resíduos: de ‘papeleiros’ a agentes ambientais”, financiado pelo CNPq, no período de 2017-2020.

1 Metodologia

Esta pesquisa tem, como base, uma abordagem qualitativa, cuja metodologia utilizada é teórico-empírica. O estudo qualitativo, no campo da pesquisa social, permite a compreensão daquilo que não se pode quantificar. Minayo (1994) explica que essa abordagem trabalha com os aspectos mais profundos das relações, dos fenômenos e dos processos que envolvem os sujeitos.

Na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, há 13 associações que recebem materiais recicláveis da coleta seletiva realizada pelo Município. Os dados coletados são provenientes de entrevistas realizadas com catadoras e catadores de nove associações de reciclagem da cidade. Utilizou-se, como instrumento, um roteiro de entrevista semiestruturada, que foi áudio-gravada e transcrita na íntegra. A seleção dos participantes deu-se por uma amostragem denominada Bola de Neve, que acontece por meio da indicação dos entrevistados que sugerem novos participantes. De modo não probabilístico, essa amostragem permite estudar comunidades de difícil acesso e satura-se com a repetição do conteúdo ou das pessoas indicadas (VINUTO, 2014). Este artigo contempla um recorte, cuja análise centra-se em entrevistas realizadas com sete catadoras de resíduos sólidos de diferentes associações da cidade.

Os textos estabelecidos a partir das entrevistas foram analisados por meio da Análise do Conteúdo, que consiste em cinco etapas propostas por Moraes (1999): preparação da informação; transformação do conteúdo em unidades; classificação das unidades em categorias; descrição; e interpretação. Para compor o *corpus* do trabalho, optou-se pelas entrevistas realizadas somente com as catadoras de resíduos sólidos, uma vez que a Unidade de Análise centrou-se na relação entre trabalho da catação e gênero. Também, pois, entende-se que o lugar da catadora, enquanto sujeito-mulher, deve ser analisada por meio de sua própria narrativa, garantindo, assim, seu lugar de fala.

As categorias elencadas *a posteriori* foram classificadas a partir das principais questões emergentes relacionadas a gênero e trabalho: *Precariedade do trabalho*; *Liderança e protagonismo*; *Representação de ser catadora*. O aporte teórico escolhido para embasar as análises das categorias apresentam-se em consonância com os dados empíricos. Assim, de modo a corroborar com o estudo teórico-empírico, as categorias foram analisadas a partir de estudos recentes sobre mulheres no trabalho da catação de resíduos sólidos e, também, referentes às relações de gênero na ocupação.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Caxias do Sul, sendo os dados coletados a partir da autorização expressa dos sujeitos entrevistados, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esse termo garante o sigilo das informações e a preservação da identidade dos participantes da pesquisa, por conta disso, foram utilizadas siglas para referir-se às catadoras de resíduos sólidos, bem como às associações nas quais desenvolvem seu trabalho.

2 Resultados e discussão

Na categoria *Precariedade do trabalho*, os relatos das mulheres catadoras apontam para condições precárias de trabalho no que concerne, principalmente, aos riscos à saúde pela falta de equipamentos de proteção individuais (EPIs) e a estruturas inadequadas. Nas falas a seguir, é possível perceber os elementos que demonstram a precariedade do trabalho para as catadoras:

Bom, tudo é perigoso nesse serviço né, caco de vidro... Uma vez eu fui juntar um lixo ali, que os cachorros espalharam tudo, e eu enfiei uma agulha na minha mão. Guria de Deus, a minha mão ficou desse tamanho parecia que ia explodir. (Catadora G)

[...] me chamaram, daí eu fui atender e disseram que era do Ministério do Trabalho: “há uma denúncia que tu tem de menores que trabalham contigo, que as condições de trabalho são péssimas e que o trabalho é escravo” [...] Eu não quero que tu só fotografe o pessoal com uma luva de uma, uma luva de outra, com um tênis no pé, um sapatão no outro. Não quero que tu fotografe só isso. Quero que tu fotografe o resíduo que a gente recebe do município de Caxias, da linda Caxias, maravilhosa Caxias: a cidade limpa [...] na oportunidade tínhamos um cachorro morto, tiraram o cachorro morto, então eu disse pra ele: quem denunciou, fez uma denúncia muito bem colocada. O trabalho é escravo realmente e as condições de trabalho são péssimas. (Catadora J)

[...] tamo tentando melhorar daqui, dali, com convênios, com coisas que, que nos estruture porque a nossa estrutura ainda é muito precária. (Catadora E)

Uma das catadoras, cuja idade é 60 anos, denunciou, por meio de seu depoimento, os impactos do trabalho em sua saúde ao longo do tempo:

[...] hoje em dia, se eu estou arrebetada é de trabalhar. Para mim, não tinha peso nenhum, qualquer coisa. Quando precisava carregar nos lugares pesados eles diziam “leva G, leva fulana”, que a gente tinha força, a gente não tinha medo de trabalhar, né. Aí eu fui me arrebetando, vai saber se não vou ter que fazer uma cirurgia nesse ombro e daí? (Catadora G)

A literatura recente sobre as mulheres na catação (COELHO *et al.*, 2016d; COELHO *et al.*, 2018a) mostra que a organização estrutural afeta as condições de trabalho, uma vez que o espaço físico com estrutura insalubre e a falta de EPIs favorecem acidentes, como é notório nos relatos supracitados. De acordo com Coelho *et al.* (2018b), o desgaste físico também é resultado da sobrecarga do trabalho na reciclagem, o que potencializa o adoecimento dessas mulheres. Ainda, Coelho *et al.* (2016c) relacionam o adoecimento físico das catadoras às atividades executadas no cotidiano da catação. Assim, nota-se, como primeiro fator que precariza o trabalho das mulheres, o adoecimento proveniente das tarefas e da falta de estrutura física adequada para a execução da ocupação.

Além dessas questões relacionadas ao trabalho propriamente dito, há outro fator que deve ser considerado para a análise do trabalho feminino na catação: a dupla jornada. Coelho *et al.* (2018c) apontam que as relações de gênero favorecem a precariedade, visto que as tarefas femininas estendem-se para além do trabalho, sendo exigidas no ambiente privado. Logo, como os serviços domésticos e o cuidado com os filhos são atividades majoritariamente

ligadas às mulheres, isso as sobrecarregam. Compreende-se que esses fatores são determinantes nas relações de gênero estabelecidas na catação, pois, diferentemente do que se espera dos homens no imaginário social, às mulheres são atribuídas tarefas que, somadas às dificuldades do trabalho da reciclagem, aumentam a precarização das suas atividades laborais.

A catação de resíduos sólidos é marcada, também, pela ausência de direitos. Os trabalhadores e as trabalhadoras vivem em uma situação de informalidade, sem direitos sociais e trabalhistas, e são negligenciados em casos de doenças ou acidentes, demarcando a precarização do trabalho (NASCIMENTO; CABRAL, 2019), a qual é intensificada para as mulheres catadoras, principalmente em relação à gestação e à maternidade. Nas entrevistas realizadas, percebe-se que essas questões aparecem como um fator que atravessa a dinâmica do trabalho. Uma vez que estão desprovidas dos direitos trabalhistas, durante a gestação, ficam expostas e sem a proteção necessária. Isto pode ser observado no depoimento a seguir:

Aí trabalhei minha gravidez toda, catando e recebendo [material reciclável] à noite e, na madrugada, o excedente da Codeca⁴. Então, eu ia uma hora da manhã e ficava até as quatro da madrugada esperando material. Grávida, com a bebê pequena, foi até eu conseguir uma chance de receber o lixo seletivo do dia [...] fiquei oito meses catando, aguentei a gravidez toda. (Catadora J)

A relação do trabalho com a maternidade revela, portanto, aspectos culturais de gênero impostas às mulheres pela sociedade. Um estudo realizado por Ribeiro, Nardi e Machado (2012) demonstra que as mulheres catadoras sofrem não só pela precariedade das condições de trabalho em si, mas também pelas demais atribuições que lhes são feitas como mulher/mãe/catadora. Além de não possuírem direitos como a licença-maternidade, que garante à mulher trabalhadora um benefício previdenciário no período da maternidade, também estão desprovidas de assistência básica que as auxilie no cuidado com a criança. Nardi (2006) explica que, em trabalhos informais, como é o caso da catação de materiais recicláveis, o Estado é ausente na vida das mulheres, pela inexistência – ou pelo difícil acesso a – creches para o cuidado das crianças.

Rosa (2014) discute que as catadoras, ao não possuírem acesso aos direitos sociais básicos – como creche, educação e saúde – vivenciam ainda mais a opressão e a exploração. Embora alguns autores atribuam à maternidade a dificuldade de inserção feminina no trabalho (COELHO et

⁴ Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul (Codeca), entre outras atribuições, é responsável pela coleta e destinação dos resíduos sólidos do município.

al., 2016a; MOURA; SOPKO, 2018), o que se percebe, na realidade dessas mulheres, é que, por não possuírem escolhas, devido à desproteção social que sofrem, elas tornam o ambiente de trabalho um espaço de criação dos filhos. Assim, as relações de gênero também transparecem na fala das mulheres catadoras no tocante aos cuidados dos filhos nos galpões das associações:

[...] Se criaram aqui na reciclagem, a gente colocava eles na caixa de fruta e eles ficavam. (Catadora A).

[...] viu a moça que trouxe o café? Minha filha! Se criou dentro de reciclagem, ela faz o almoço, faz o café. (Catadora E).

Em última análise, a correlação entre a precariedade do trabalho e a maternidade permite tecer reflexões acerca da subalternidade que mulheres catadoras vivem na sociedade. Como bem apontam Moura e Sopko (2018), a mulher em qualquer situação no sistema capitalista sofre desigualdade, mas a mulher em situação de pobreza e vulnerabilidade – como as catadoras – sofre com mais reflexos, pois necessitam aceitar trabalhos precários que se somam à dupla jornada de trabalho.

Na categoria *Liderança e protagonismo*, é possível perceber que as catadoras assumem posições de liderança e protagonismo nas associações. Estas destacam-se por meio de ações que demonstram a consciência das mulheres em relação às dificuldades relacionadas à catação, como as condições precárias dos postos de trabalho, o não reconhecimento da sociedade e a escassez de resíduos sólidos em determinados períodos do ano. Frente a essas dificuldades, percebe-se que as mulheres catadoras buscam organizar ações coletivas de enfrentamento às adversidades, reivindicando o direito de trabalhar, como pode ser visto no trecho a seguir:

Nós já passamos por uma crise de não ter material uma vez, onde chegou aqui o caminhão, e a gente não estava mais trabalhando, fazia uns 15 dias que vinha só uns pingadinhos [...] a gente rendeu um motorista da Codeca aqui com o caminhão, entramos para dentro e obrigamos ele a levar nós. [...]. Nós estávamos dentro do caminhão. Daí quando ele chegou lá para guardar o caminhão, nós descemos, daí nós invadimos a sala do presidente, e a gente queria saber o que tinha acontecido com o material que não chegava mais até nós. Mas, enfim, foi só aquilo que aconteceu. A gente fez isso e foi resolvido. (Catadora F).

Percebe-se que a postura de liderança das mulheres catadoras repercute na organização interna dos trabalhadores das associações. Em pesquisa realizada, Souza e Fonseca (2015) constatam que as mulheres são as responsáveis pela

coordenação dos(as) trabalhadores(as) e pela comercialização dos resíduos sólidos. Pinto *et al.* (2011) referem que o protagonismo das catadoras está relacionado ao perfil que caracteriza os trabalhos informais. Estes, segundo os autores, são preenchidos, em sua maioria, por mulheres consideradas chefes de família, das quais exige-se uma postura de liderança no núcleo familiar, devido à manutenção financeira do lar. Nesse sentido, a entrada das mulheres no trabalho da catação é decorrente da exclusão do mercado formal e da necessidade de manter a subsistência de si e da própria família, cobrando-lhes posturas de protagonismo (COELHO *et al.*, 2016a; NASCIMENTO; CABRAL, 2019; SILVA; MENEGAT, 2015).

Considerando que as mulheres são a maioria nas associações de catadores e, também, levando em conta as posturas de liderança frente à necessidade financeira dos seus núcleos familiares, constata-se, por meio das entrevistas, que as catadoras são pioneiras nos postos e ocupam os cargos de presidência nas associações. Na posição de presidentes, demonstram conhecer a dinâmica de funcionamento dos associados e associadas, compreendendo as necessidades relacionadas ao trabalho e às dificuldades financeiras que perpassam esses(as) trabalhadores(as), como pode ser observado nos seguintes trechos:

Eu não aceito a partilha dar R\$ 500,00. Isso é inaceitável. Como tu vai criar... com R\$ 1.000,00 meu e R\$ 1.000,00 do [marido] três filhos. E eu não pago aluguel, então a gente, assim, batalha, mas tem muita gente aí dentro que paga aluguel. Tem muita gente que tem que comer. (Catadora J)

Teve um mês que eu fiz pagamento aqui, tu acredita, sabe quanto? Eu não vou te mentir, 400 reais. Sabe o que o pessoal disse para mim? “I, tu é louca”. [...] “E meu aluguel, e isso e aquilo?”. E daí tu pensa: o que é que eu vou fazer? Daí eu ia para casa chorando, chorando: “meu Deus do céu, aonde que eu vou buscar material?”. Eu pensei em fazer uma janta beneficente para arrecadar fundos. Pensei em fazer um brechó de novo, que na época eu fazia brechó aqui na associação, para arrecadar fundos. Tudo para investir aqui, no pessoal que tava aqui, para não desanimar eles. (Catadora I)

Ressalta-se que ao desempenharem a função de presidentes das associações, o que lhes exige dedicação a questões burocráticas, as mulheres catadoras também continuam a realizar o trabalho relacionado ao manejo dos resíduos sólidos com o restante dos trabalhadores. Do mesmo modo, não recebem salário superior, sendo o saldo da associação partilhado no final do mês de forma igualitária. Com isso, percebe-se que, ao assumirem a posição de presidentes, não objetivam estabelecer uma relação de

poder hierárquico sobre o próprio grupo de trabalhadores(as), e sim de coordenação, reconhecendo, ainda, que existem colegas de trabalho capazes de desempenhar a sua função. Esse aspecto pode ser observado nos seguintes relatos:

E tem líderes aqui escondidos, embaixo do seu boné, embaixo do seu guarda-pó, mas é aquele líder tímido, que nem eu era, sabe? Com medo de falar alguma besteira, às vezes, ao conversar: “Ah, eu vou falar alguma besteira, não vou falar nada, se é para falar besteira, fico quieta”. (Catadora I).

[...] elas ainda me consideram [líder] mas eu já estou pendurando as chuteiras. Amanhã, depois daqui dois anos, eu faço 60 anos e aí chega! [...] E para resolver problema e coisa é tudo comigo. Quando precisam de alguma coisa, eles me ligam da Codeca, eles me ligam para ver o negócio do lixo, de firma, tudo, mas devagarinho eu vou passando bastante, vou ensinando.” (Catadora G).

Nos relatos das catadoras I e G, observa-se o que afirmam Silva e Menegat (2015): a construção de figuras de liderança perpassa o próprio descobrimento de potencialidades desconhecidas pelas catadoras, que não tiveram oportunidades de desenvolverem-se em espaços públicos. O desenvolvimento dessas potencialidades, que está associado à saída da mulher da esfera privada, relaciona-se à satisfação com o trabalho que as catadoras realizam nas associações, caracterizando o conteúdo simbólico das suas atividades laborais (COELHO *et al.*, 2016a; COELHO *et al.*, 2016b; COELHO *et al.*, 2017). Segundo Paiva (2016), a participação das mulheres catadoras em espaços que envolvem tomadas de decisões favorece a construção da autonomia dessas trabalhadoras.

Identifica-se, ainda, que os espaços de tomada de decisão ocupados pelas mulheres catadoras não se restringem somente aos processos internos que envolvem as associações. As mulheres são protagonistas na constituição de organizações sociais e políticas de luta por melhores condições de trabalho. De acordo com Paiva (2016), os movimentos sociais constituem um espaço de formação política para essas trabalhadoras ao que se refere, por exemplo, às condições de trabalho da catação e à divisão histórica de gênero. Dessa forma, o desenvolvimento de potencialidades individuais está atrelado à luta

pelos direitos dos catadores e das catadoras, como pode ser observado nos depoimentos a seguir:

O pessoal gosta muito que eu converse, dê palestra na Associação. Eu sou bem simples, mas isso tudo foi através do movimento, que eu aprendi nas reuniões acompanhando. Hoje, eu sou o que eu sou devido à associação e ao movimento dos catadores. (Catadora I).

A gente criou o movimento, fez toda a papelada dele também [...] eu sou a presidente. Daí a Associação V é vice, daí a Associação Y tem o porta-voz [...]. Cada um ficou com uma função, para que todos nós fôssemos atrás e conseguíssemos, pelo menos, entrar como incubadora. Ter os mesmos direitos. (Catadora J).

Como fator de dificuldade na participação de organizações sociais e políticas, apresenta-se a questão da maternidade. Mesmo que os encontros do MNCR, conforme as próprias falas das catadoras, possuam espaços destinados ao cuidado das crianças, a maternidade ainda é um empecilho para a participação. Verifica-se que, na relação das mulheres catadoras com o movimento social da categoria, há a tradução de relações de gênero que centram na mulher a responsabilidade de criação dos filhos. Como é possível perceber no relato a seguir, a catadora deixa de participar politicamente de espaços da categoria, pelas atribuições sociais que envolvem a maternidade:

Hoje eu tô meia afastada [por este motivo] eu não consigo mais viajar. Não que a associação me impeça, entende [...] eu sou mãe hoje, né, e o meu filho, claro, tem 7 anos, sabe. (Catadora J).

Nota-se que, mesmo que as catadoras exerçam posições de protagonismo e liderança na constituição dos movimentos sociais e na organização interna das associações de reciclagem, elas ainda possuem dificuldade de reconhecerem-se como líderes. Isto é notório em diversos momentos das entrevistas em que, quando questionadas sobre sua posição de liderança, as catadoras apresentavam dificuldades de nomearem-se como líderes. Esse comportamento pode ser explicado pela atribuição de papéis sociais às mulheres, que, historicamente, colocaram-nas em posições coadjuvantes na sociedade. Diante dessa realidade social, conforme Silva e Menegat (2015), a participação das mulheres no trabalho e em cargos de liderança, com seus avanços e contradições, coloca a mulher catadora como centralidade de um acontecimento social e histórico.

Por fim, a categoria *Percepção de ser catadora* emergiu a partir dos depoimentos nos quais as mulheres revelaram aspectos sobre o que perpassa “ser catadora”. Ressalta-se que essa percepção é multifacetada, possuindo

características que se atravessam. Dentre os principais aspectos, destacam-se: a responsabilidade com os trabalhadores(as) e com a associação, o reconhecimento de que o exercício da reciclagem é um trabalho com perspectivas futuras e a atribuição de novos significados que ressignificam a ocupação.

Sobre a concepção das catadoras a respeito da responsabilidade com os membros da associação, é notória a interface entre os papéis tidos socialmente como femininos e a posição no trabalho da associação, principalmente ao que se refere à correlação entre ser catadora e ser mãe. Sobretudo, há aspectos ligados à concepção de cuidado e responsabilidade com o bem-estar dos associados, representando um ideal da função materna. Isso pode estar relacionado, conforme exalta Silva e Menegat (2015), ao fato de que, com a busca das mulheres por novos papéis sociais na esfera pública, foram atribuídas a elas posições e trabalhos que fossem consonantes com as atividades consideradas femininas na vida doméstica. Nesse sentido, estão incorporadas, na percepção de ser catadora, características de responsabilidade e cuidado com os associados(as). As catadoras colocam-se, em alguns momentos, em uma posição de maternidade, com as atribuições construídas no imaginário social do que caracteriza ser mãe. Esses aspectos são manifestados nas seguintes falas:

[...] criou muito esse cordão umbilical, de tu ser um pouco mãe, um pouco chefe, um pouco patrão, um pouco tu é só presidente [...] A associação, para mim, é igual a uma filha minha. (Catadora J)

Tu tem que tá aqui dentro mesmo, aprender as dificuldades que as pessoas passam. Eu tirava um dia por semana para escutar todos eles. Eles vinham e eles confiavam em mim, me contavam tudo que estava acontecendo em casa, o que eu podia fazer, como a gente podia se ajudar. (Catadora F)

Ainda, em uma das entrevistas, emergiu a percepção de que o trabalho desenvolvido é uma profissão que possui perspectivas de crescimento. Compreende-se que as catadoras possuem consciência do papel social que desempenham, visto que são trabalhadoras fundamentais na cadeia de reciclagem. Em pesquisa realizada por Coelho *et al.* (2016b), é possível perceber que o movimento de reconhecimento e de orgulho do trabalho desempenhado transpõe o preconceito e o estigma que, historicamente, cercam essa atividade laboral. Isto reflete na consciência sobre a importância do trabalho da catação de resíduos sólidos, pois, como referem Coelho *et al.* (2016b), para as mulheres, a reciclagem denota um sentido de preservação

do meio ambiente e sustentabilidade. Essa concepção pode ser observada no relato abaixo:

Como eu disse pra profe, reciclador é uma profissão do futuro, uma profissão que tem futuro (Catadora J)

Assim, constata-se que, mesmo diante de condições precárias e ausência de direitos trabalhistas, as catadoras estão em um movimento de autovalorização de seu trabalho. Percebem-no como fundamental para o desenvolvimento da sociedade. Além disso, ressignificam a ocupação de modo que atribuem novos significados, os quais ultrapassam os ganhos financeiros. Em um primeiro momento, como apontam Silva e Menegat (2014), a reciclagem representa uma mudança na vida de mulheres, uma vez que as insere, embora de modo informal, no trabalho fora do lar. Segundo as autoras, criam oportunidades sociais e, também, melhores condições de vida para si e para sua família. Esse retorno à família e à sociedade proporciona vivências de prazer e satisfação.

Em uma pesquisa realizada por Scariot e Costa (2019), observou-se que as mulheres catadoras gostam da função que exercem na catação de resíduos sólidos, principalmente, pela liberdade que possuem em relação ao tempo e à organização do trabalho. Compreende-se que este seja um dos fatores que interferem na escolha das catadoras por essa atividade laboral. Embora a catação seja um trabalho realizado devido à exclusão do mercado formal, o que se verificou, nas entrevistas, é que algumas catadoras tiveram oportunidade de inserção em outras ocupações. No entanto, nem sempre foram oportunidades em que se sentissem bem ou conseguissem se adaptar às exigências, como relata a Catadora G:

Aí uma senhora lá do lado, que nós morava lá na Zona do Cemitério, me arrumou um serviço na casa de um doutor. O primeiro lugar que eu cheguei lá, ela me disse “então tá, tu faz isso, aquilo e aquele outro”, tá bom, não incluía esfregar pano em tanque e coisa como ela me mandou. Tá, terminei meu serviço, era hora do almoço, ela disse: “tu vai esfregando esses panos para mim aí na área de serviço”, tá bom, fui estragar. Todo mundo sentou e almoçou, e aí depois ela me chamou: “vem cá um pouquinho”. Eu já tinha terminado os pano, estava escorada: “mas tu não quer almoçar com nós?”. Eu disse: “não, muito obrigado”. Foram dizer por quê: “porque, na minha casa, se chegar pobre, rico, feio, bonito, todo mundo senta na mesa e come o que tiver, e eu não sou cachorro para comer resto. A senhora me dá o meu dinheiro que eu tô indo embora”. E nós não tinha feito plano de eu esfregar pano, ela só me mandou porque tava na hora do almoço, né? Então, aquilo me machucou tanto, que eu nunca mais [...] (Catadora G)

A partir do relato supracitado, verifica-se que cada uma tem uma história para lembrar sobre os motivos que as fizeram escolher essa profissão, que, por vezes, configura-se como uma estratégia para a diminuição do sofrimento frente à sua condição de vida. A seguir, os depoimentos evidenciam que algumas catadoras optam em trabalhar com a catação.

Ah, eu gosto! Eu adoro quando chego e vejo que tem bastante material bom para trabalhar. Eu me empolgo. [...] Eu gosto de trabalhar. Daí eu não tenho vontade de chegar numa firma, trabalhar na firma, com carteira assinada. Porque daí eu sei que vou ficar fechada lá dentro, e aqui eu já fico mais livre, e eu gosto demais de trabalhar em reciclagem. Se eu pudesse ficar, assim, direto, eu ficava. (Catadora H)

É bem difícil de trabalhar, mas é o que a gente gosta. (Catadora E)

Eu digo, prefiro estar juntando meu lixo na hora que eu quero. (Catadora G)

Coelho *et al.* (2016b) explicam que o significado do trabalho pode ser compreendido como a intersecção entre o conteúdo significativo em relação ao sujeito, que representa a significação relacionada à profissão e à posição social que esta possui; e, em relação ao objeto, que se refere aos conteúdos simbólicos e materiais construídos em torno da reciclagem. No caso das mulheres entrevistadas, os conteúdos simbólicos construídos por meio da catação são representados pelas aprendizagens que a ocupação proporcionou em suas vidas. Estas representam esse novo significado, que supera as dificuldades e a precarização. Nos relatos a seguir, é possível observar que a percepção sobre ser catadora está relacionada ao sentido atribuído ao trabalho:

Assim, eu nunca aprenderia dentro de uma metalúrgica o que eu aprendi dentro de uma reciclagem, nunca, em lugar nenhum. Sabe, trabalhar com as pessoas, eu aprendi mesmo. Não ganho maior que isso que eu ganhei aqui. Isso é uma coisa que vai ficar, assim, para sempre para os meus filhos para passar para os meus netos, e assim eu vou indo. (Catadora F).

[...] Pelo tempo que eu tô na associação, eu cresci muito, como eu falei no começo, cresci bastante, sabe. [...] Hoje, eu sou o que eu sou devido eu trabalhar aqui. Isso aqui me fez o que eu sou hoje, sabe, o conhecimento, o trabalho. Adoro meu serviço. (Catadora I).

Logo, compreende-se que “ser catadora” é atravessado por esses aspectos, pois as catadoras ressignificam o trabalho ao lhe atribuir novos sentidos. Coelho *et al.* (2016b) referem que essa ressignificação pode atuar como neutralizadores do sofrimento, porque as mulheres estabelecem estratégias que impedem que o trabalho seja doloroso a ponto de não darem conta das atividades. É nesse sentido que Coelho *et al.* (2016c) discorrem sobre as estratégias defensivas utilizadas pelas catadoras, cujo papel é “anestesiá-las” desse sofrimento, evitando sentimentos negativos em relação à ocupação. Dessa forma, entende-se que, mesmo que essas estratégias sejam entendidas como amenizadoras do sofrimento, os aspectos positivos elencados pelas catadoras entrevistadas podem servir como um impulso para a luta por melhores condições de trabalho. Isto denota que os novos sentidos atribuídos ao trabalho fortalecem algumas trabalhadoras, de modo que estas passam a acreditar no trabalho que realizam, afetando também a sua autovalorização enquanto mulher-catadora.

3 Considerações finais

Apartir do estudo desenvolvido acerca das mulheres catadoras de resíduos sólidos de associações de reciclagem da cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, observou-se o destaque de três principais aspectos: liderança e protagonismo, precariedade do trabalho e percepção de ser catadora. Essas categorias permitem a compreensão sobre a inserção da mulher no trabalho da catação, uma vez que abordam elementos que atravessam não só o trabalho em si, mas também as relações de gênero que circundam a esfera pública e privada. Portanto, tais categorias correlacionam-se de modo que as análises se deram como resultados desses atravessamentos. São mulheres que entraram para a catação pela necessidade de subsistência e que se tornaram líderes e protagonistas de sua própria história como uma forma de resistir à pobreza e à marginalidade, encontrando sentido no trabalho que realizam. No entanto, submeteram-se a um trabalho precário que evidencia reflete a desigualdade social do País e, também, a desigualdade nas relações de gênero que, como um reflexo histórico, social e cultural da subalternidade da mulher na sociedade, precariza ainda mais o trabalho feminino. Assim, ao não possuírem um suporte suficiente do Estado, não têm outra opção a não ser fazer dessa ocupação um meio de sobrevivência e um ambiente de criação dos filhos.

A maternidade é encontrada como um eixo transversal que atravessa as categorias de análise. Há uma correlação entre gravidez e precariedade do trabalho; a influência na participação das mulheres em movimentos sociais, relacionado ao protagonismo e à liderança; e a percepção de serem catadoras, visto que as catadoras assumem responsabilidades com os membros das associações que condizentes com o ideário social de ser mãe. Essa temática mostra-se como um campo que necessita de novas pesquisas, pois percebe-se que há uma lacuna na tentativa de compreensão sobre o que é ser uma mulher catadora e como a maternidade afeta e é afetada pelo trabalho da catação.

Como limitações deste estudo, destaca-se a impossibilidade de generalização dos resultados e o foco em associações de reciclagem. Esta pesquisa fornece subsídios para a compreensão das relações de gênero que se estabelecem na catação local, considerando a dinâmica da própria coleta dos resíduos da região e o funcionamento das associações de reciclagem. Isto impede que os resultados sejam atribuídos a todas as mulheres que trabalham em situações parecidas. Mesmo assim, é interessante notar como os estudos relacionados a esse campo de pesquisa têm mostrado resultados semelhantes, como é possível perceber na discussão dos resultados. Outra limitação é que a população estudada refere-se a mulheres organizadas em associações, que, por mais precárias que sejam as condições de trabalho, ainda possuem mais estruturas quando comparadas a mulheres que catam na rua.

Por fim, entende-se que pesquisas científicas voltadas a essa população são imprescindíveis para dar voz a essas mulheres e retirá-las da invisibilidade social. Porém, isso não é suficiente para oferecer melhores condições de vida e de trabalho às mulheres catadoras. Trata-se de mulheres que ressignificam o trabalho da catação, de modo que se tornaram protagonistas de suas histórias, subvertendo a lógica de exploração imposta a elas. Portanto, estudos como este devem servir como o primeiro passo para a compreensão da realidade e como base para o fortalecimento de políticas públicas e sociais que assistam e acompanhem essas mulheres desamparadas pelo Estado.

Referências

ARANTES, Bruno Otávio; BORGES, Lívia de Oliveira. Catadores de materiais recicláveis: cadeia produtiva e precariedade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 65, n. 3, p. 319-337, 2013.

ARRUDA, Silvana Galvão de. **Avaliação do mercado informal de reciclagem como atividade relevante ao processo de gerenciamento de resíduos sólidos**,

após encerramento de lixões: o caso de Aguazinha e Muribeca. 2015. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil e Ambiental, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Caruaru-PE. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/14960>. Acesso em: 12 jul. 2021.

BRAGA, Natalia Lopes; LIMA, Deyseane Maria Araújo; MACIEL, Regina Heloisa. “Sobrevivendo só da misericórdia”: a vivência de catadores de materiais recicláveis. **Revista CES Psicologia**, v. 9, n. 1, p. 122-134, jan./jun. 2016.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 23, n. 2, p. 331-353, jun./dez. 2006.

CAMARDELO, Ana Maria Paim; STEDILE, Nilva Lúcia Rech; OLIVEIRA, Mara de. Características Sociodemográficas dos catadores e catadoras de resíduos sólidos em Caxias do Sul. In: CAMARDELO, Ana Maria Paim; STEDILE, Nilva Lúcia Rech. (Orgs). **Catadores e catadoras de resíduos: prestadores de serviços fundamentais à conservação do meio ambiente.** Caxias do Sul: Educs, 2016. p. 13-41.

CAMARDELO, Ana Maria Paim; BENEDETTI, Alais; NOSTRANE, Kátia Cardoso. Mulheres e relações de gênero na catação de resíduos sólidos: uma revisão sistemática. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 1, n. 2, 179-193, nov. 2020.

COELHO, Alexa Pupiará Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; FERNANDES, Marcelo Nunes da Silva; FREITAS, Natiellen Quadrin; PRESTES, Francine Cassol; TONEL, Juliana Zancan. Mulheres catadoras de materiais recicláveis: condições de vida, trabalho e saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, p. 1-8, set. 2016a.

COELHO, Alexa Pupiará Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; FERNANDES, Marcelo Nunes da Silva; MACHADO, Kátiusci Lehnhard; CAMPONOGARA, Silviamar. Mulher-guerreira, mulher-homem: reconhecimento do trabalho e seus sentidos na percepção de mulheres recicladoras. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 25, n. 2, p. 1-9, 2016b.

COELHO, Alexa Pupiará Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; FERNANDES, Marcelo Nunes da Silva; PRESTES, Francine Cassol; SILVA, Rosângela Marion da. Risco de adoecimento relacionado ao trabalho e estratégias defensivas de mulheres catadoras de materiais recicláveis. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 3, jul./set. 2016c.

COELHO, Alexa Pupiará Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; FERNANDES, Marcelo Nunes da Silva; SILVA, Rosângela Marion da; REIS,

Daiana Aparecida Martins do. Organização do trabalho em uma cooperativa de reciclagem: implicações para a saúde das catadoras. **Cogitare Enfermagem**, v. 21, n. 1, p. 1-8, jan./mar. 2016d.

COELHO, Alexa Pupiara Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; SILVA, Rosângela Marion da; PRESTES, Francine Cassol; CAMPONOGARA, Silviamar; PESERICO, Anahlú. (2017). Satisfação e insatisfação no trabalho de catadoras de materiais recicláveis: estudo convergente-assistencial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 2, p. 384-391, mar./abr. 2017

COELHO, Alexa Pupiara Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; SILVA, Rosângela Marion da; VEDOOTTO, Denise de Oliveira; PESERICO, Anahlú; SILVA, Jonatan da Rosa Pereira da. Condições de trabalho no contexto de catadoras de materiais recicláveis: desafios e perspectivas para o trabalho seguro. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 22, p. 1-8, p. 2018a.

COELHO, Alexa Pupiara Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; SILVA, Rosângela Marion da; VEDOOTTO, Denise de Oliveira; PRESTES, Francine Cassol. Cargas de trabalho de catadoras de materiais recicláveis: proposta para o cuidado de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 29, p. 1-9, 2018b.

COELHO, Alexa Pupiara Flores; BECK, Carmem Lúcia Colomé; SILVA, Rosângela Marion da; VEDOOTTO, Denise de Oliveira; SILVA, Jonatan da Rosa Pereira. Trabalho feminino e saúde na voz de catadoras de materiais recicláveis. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 27, n. 1, p. 1-10, 2018c.

DEMAJOROVIC, Jacques; LIMA, Márcia. **Cadeia de reciclagem: um olhar para os catadores**. São Paulo: Editora Senac, 2019.

FEDERICI, Silvia. Notas sobre gênero em *O capital* de Marx. **Cadernos Camarx**, n. 10, 2017.

GONÇALVES-DIAS, Sylmara Lopes Francelino; MENDONÇA, Patrícia Mendes; TEODÓSIO, Armindo dos Santos Souza; SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. Frames de ação coletiva: uma análise da organização do Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis no Brasil - MNCR. In: I Seminário Internacional e III Seminário Nacional de Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 2010, Florianópolis. Anais de Congresso. Florianópolis: Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais, 2010. p. 2007-2029.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-30.

MNCR. **Mulheres são maioria entre catadores de materiais recicláveis**. 2014. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas?searchterm=70>

%25+s%C3%A3o. Acesso em: 05 mai. 2020.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURA, Reidy Rolim; SOPKO, Camila. Desigualdade social e de gênero: a inserção da mulher no trabalho e a dupla jornada frente ao processo de catadores no Brasil. **Caderno Espaço Feminino**, v. 31, n. 1, p. 226- 242, jan./jun. 2018.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, trabalho e subjetividade**: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, p. 51-64, 2012.

NASCIMENTO, Aline Gadelha; CABRAL, Carla Giovana. Catadoras de materiais recicláveis em Natal: gênero, meio ambiente e divisão sexual do trabalho. **Revista Gênero**, v. 20, n. 1, p. 18-33, nov. 2019.

PAIVA, Camila Capacle. Mulheres catadoras: articulação política e ressignificação social através do trabalho. **Idéias**, v. 7, n. 2, p. 151-174, jul./dez. 2016.

PINTO, Rosa Maria Ferreiro; MICHELETTI, Fátima Aparecida Barbosa de Oliveira; BERNARDES, Luzana Mackevícus; FERNANDES, Joice Maria Pacheco Antonio; MONTEIRO, Gisela Vasconcellos; SILVA, Magda Lucia Novaes; BARREIRA, Tânia Maria Horneaux de Mendonça; MAKHOUL, Aparecida Favorêto; COHN, Amélia. Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. **Serviço Social & Sociedade**, v. 105, p. 167-179, jan./mar. 2011.

RIBEIRO, Izaque Machado; NARDI, Henrique Caetano; MACHADO, Paula Sandrine. Catadoras(es) de materiais recicláveis e as possíveis articulações entre trabalho precário e relações de gênero. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 15, n. 2, p. 243-254, 2012.

ROSA, Bárbara Oliveira. Mulheres invisíveis: a identidade das catadoras de materiais recicláveis. **Gênero**, v. 14, n. 2, p. 91-104, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

SCARIOT, Nadia; COSTA, Cassiane da. Mulheres catadoras de materiais recicláveis de Santana do Livramento/RS: trajetórias de luta em busca da emancipação social. **Didáticas Específicas**, n. 20, p. 73-92, jun. 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação &**

Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, jun./dez. 1995.

SILVA, Rosemeire Barboza da. O movimento nacional dos catadores de materiais recicláveis: atores, governação, regulação e questões emergentes no cenário brasileiro. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, v. 3, n. 2, p. 1-40, jul./dez. 2006.

SILVA, Sandro Pereira; GOES, Fernanda Lira; ALVAREZ, Albino Rodrigues. **IPEA**: situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável. Brasília, DF: IPEA, 2013.

SILVA, Luciana Codognoto da; MENEGAT, Alzira Salete. Histórias de mulheres catadoras: rompendo silêncios, edificando resistências, construindo novas escritas históricas. **Em Tempos de História**, n. 24, p. 106-119, jan./jul. 2014.

SILVA, Luciana Codognoto da; MENEGAT, Alzira Salete. Trabalho e vida de mulheres catadoras: (re)construindo novas cartografias existenciais. **Emancipação**, v. 15, n. 2, p. 263-277, 2015.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Relações de gênero e matemáticas: entre fios e tramas discursivas. **Educar em Revista**, n. 55, p. 261-276, jan./mar. 2015.

UFRGS. **Relatório parcial**: estudo do perfil sócio-educacional da população de catadores de materiais recicláveis organizados em Cooperativas, Associações e Grupos de Trabalho. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/biblioteca/publicacoes/relatorios-e-pesquisas/estudo-do-perfil-socio-educacional-da-populacao-de-catadores-de-materiais-reciclaveis-organizados-em-cooperativas-associacoes-e-grupos-de-trabalho>. Acesso em: 12 jul. 2021.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

Recebido em julho de 2021

Aprovado em dezembro de 2021